

“TEMPO, TEMPO, TEMPO”: UM ESTUDO SOBRE OS EFEITOS DA JORNADA DUPLA NO ENGAJAMENTO ACADÊMICO COM ESTUDANTES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

HUGO DE MEDEIROS COSTA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)

BRUNA CORDEIRO DE SOUSA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)

DÉBORA KARYNE DA SILVA ABRANTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)

CLÉSSIA FERNANDES DE BRITO SANTIAGO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)

ODILON AVELINO DA CUNHA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)

“TEMPO, TEMPO, TEMPO”: UM ESTUDO SOBRE OS EFEITOS DA JORNADA DUPLA NO ENGAJAMENTO ACADÊMICO COM ESTUDANTES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade reconfigurou as relações sociais, as dinâmicas laborais e os modos de aprendizagem. Num contexto de mercado cada vez mais competitivo, profissionais munidos de habilidades especializadas e conhecimentos técnicos têm maior probabilidade de obter posições mais bem remuneradas. Paralelamente, a expansão do acesso ao ensino superior e técnico tem promovido a formação de quadros qualificados, aptos a atender às demandas emergentes do mercado.

No entanto, para muitos ingressantes, estudar e trabalhar configuram uma dicotomia entrelaçada: ao mesmo tempo em que se deparam com exigências acadêmicas crescentes e oportunidades de pesquisa e extensão (Furlani, 2001), buscam a melhoria da condição financeira e a realização profissional (Vall; Pereira; Friesen, 2009). Essa jornada dupla não só influencia as condições sociais dos estudantes, mas também acentua desigualdades de acesso e de oportunidades (Dantas; Silva, 2017).

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais e Ensino Anísio Teixeira- INEP (2024) revelam que mais de 9,9 milhões de matrículas foram registradas em cursos de graduação em 2023, com predomínio de estudantes em instituições privadas (79,3 %) e crescimento substancial de ingressantes no último ano. Em levantamento da Agência Brasil (2020), 61,8 % dos alunos de instituições privadas e 40,3 % dos públicos reportaram conciliar trabalho e estudos, parcela significativa dos quais em empregos formais. Esse acúmulo de responsabilidades – acadêmicas, profissionais, familiares e sociais – intensifica o estresse e dificulta o equilíbrio entre estudo e lazer (Lima et al., 2020).

Além disso, aproximadamente 39 % dos estudantes de instituições privadas e 33 % dos de instituições públicas dedicam entre 31 e 40 horas semanais ao trabalho (Agência Brasil, 2020), circunstância que resulta em esgotamento físico e mental para 61 % e sensação constante de cansaço para 30 % dos estudantes trabalhadores (Salgado et al., 2017). O comprometimento da saúde, do rendimento acadêmico e da concentração também já foi evidenciado em estudos anteriores (Costa, 2019; Melo, 2019).

Reconhece-se, assim, a necessidade de investigar como essa sobreposição de papéis impacta o engajamento estudantil. Coates (2007) enfatiza a relevância de compreender como se dá o envolvimento do aluno e seu consequente engajamento nas atividades acadêmicas por meio da análise das suas experiências de aprendizagem; enquanto Kuh & Hu (2001) definem engajamento acadêmico como o investimento de tempo e energia do estudante nas atividades educacionais e as condições oferecidas pela instituição de ensino para sua participação. Silva e Dutra (2010) acrescentam que a dupla jornada pode provocar cansaço, escassez de tempo e desmotivação, comprometendo não só o desempenho, mas também a vivência universitária. É um esforço constante para dar conta das exigências do trabalho e, ao mesmo tempo, se manter presente e participativo nas atividades acadêmicas.

Diante desse cenário, o presente trabalho propõe-se a responder à seguinte questão de pesquisa: Quais são os efeitos da jornada dupla no engajamento acadêmico de estudantes de nível superior de Administração? O objetivo geral é compreender os efeitos da jornada dupla no engajamento acadêmico de estudantes do curso de Administração de uma Instituição Pública de Ensino Superior. A relevância do estudo reside em buscar compreender como se dá essa dinâmica, buscando contribuir em aspectos como desempenho, a permanência no curso e a qualidade do aprendizado. Além disso, contribui na geração de subsídios empíricos para gestores, docentes e discentes, permitindo o desenvolvimento de práticas e políticas que favoreçam o equilíbrio entre as múltiplas responsabilidades estudantis. Esta pesquisa preenche

uma lacuna sobre as implicações multidimensionais do engajamento acadêmico em contextos de dupla jornada e sobrecarga de demandas, considerando aspectos como saúde mental, motivação, estratégias de aprendizagem e suporte institucional. Apesar de ser um tópico de pesquisa cada vez mais proeminente no âmbito internacional, no cenário brasileiro os estudos são incipientes (Casartelli et al., 2017).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Engajamento Acadêmico

A história do engajamento estudantil demonstra que esse conceito vem sendo explorado desde a década de 1930, onde já se discutia a importância do tempo que os estudantes dedicavam às tarefas de aprendizagem (Kuh, 2009). Na década de 1970, Pace (1984) ampliou essa perspectiva ao destacar que, além do tempo investido, era fundamental considerar a qualidade desse esforço – incluindo os momentos de estudo, a interação com colegas e professores e a aplicação prática do conhecimento adquirido.

Com o avanço das pesquisas, o termo engajamento passou a ser abordado em nível global, trazendo novas perspectivas sobre o engajamento estudantil e sua relação com diferentes contextos educacionais. Para Cara et al. (2022), esse entendimento integra uma tradição de estudos que abrangem os campos da psicologia, da sociologia, do desenvolvimento cognitivo e das teorias da aprendizagem. Os estudos começam nos anos 1930, com o foco de Tyler (1930) na importância da quantidade de tempo gasto em tarefas acadêmicas, seguidos das pesquisas longitudinais de Pace (1990), sobre o efeito da qualidade do esforço nos resultados desejados. Dá-se também destaque ao estudo de Chickering e Gamson (1987), que, para além dos aspectos estritos ao desempenho social e acadêmico dos estudantes, voltam a atenção às boas práticas institucionais. Posteriormente, no estudo de Kuh, Schuh e Whitt (1991), o vocábulo *engagement* foi apropriado ao contexto educacional.

À medida que os estudos evoluíram, passou-se a considerar não apenas as estratégias institucionais, mas também a percepção dos próprios estudantes sobre seu engajamento e as características da universidade. Wang e Eccles (2013) destacam que ambientes acadêmicos capazes de fornecer suporte adequado às necessidades dos alunos promovem maior engajamento, aspecto essencial para a avaliação estudantil. O nível de envolvimento dos estudantes influencia diretamente sua percepção sobre a qualidade do ensino, a satisfação com a instituição e o desempenho acadêmico, evidenciando a importância de um ambiente que favoreça a participação ativa e o desenvolvimento educacional. Esse entendimento está alinhado com a visão de Astin (1984), que enfatiza a importância da identificação pessoal e do envolvimento em atividades que refletem os interesses e objetivos individuais dos alunos para sua motivação e sucesso acadêmico.

O termo engajamento acadêmico ou *student engagement*, segundo Coates (2005), é amplo e utilizado frequentemente para abranger características acadêmicas e não acadêmicas da experiência de aprendizagem do estudante, incluindo a aprendizagem ativa e colaboradora ou o conceito atribuído pela universidade das comunidades de aprendizagem. Glanville e Wildhagen (2007) concebem o engajamento como uma conexão tanto comportamental quanto psicológica do aluno com o currículo, abrangendo atitudes e comportamentos frequentemente descritos por diferentes termos, como “participação”, “adesão”, “motivação” e “pertencimento”. Costa e Côrte Vitória (2017) caracterizam o engajamento acadêmico como um processo multidimensional, no qual as dimensões afetiva, comportamental e cognitiva, quando ativadas em conjunto, promovem a interação efetiva dos estudantes com o ambiente acadêmico e suas atividades, resultando em um engajamento genuíno.

Barkley (2010) define o engajamento acadêmico como um processo estruturado por dois elementos fundamentais: a) o investimento de tempo e esforço dos estudantes em seus estudos e em outras experiências que contribuem para seu sucesso acadêmico; b) as estratégias

institucionais para disponibilizar recursos e criar oportunidades de aprendizado e participação, incentivando os alunos a se envolverem e aproveitarem essas experiências. Com isso, quanto mais engajado está o estudante, maior a possibilidade de direcionar essa energia para o seu aprendizado, o que pode levar a resultados que ampliam ainda mais seus níveis de engajamento (Bond; Bedenlier, 2019). Para Harper e Quaye (2009), o engajamento vai além do simples envolvimento do estudante ou de sua participação; ele também envolve a percepção do aluno em sentir-se pertencente ao local de ensino, reforçando a importância do aspecto subjetivo desse processo.

Diante dessa amplitude conceitual, diversos autores buscaram compreender e destacar a relevância do engajamento nos estudos acadêmicos. Um exemplo disso é a “Teoria do Envolvimento”, de Astin (1984), que argumenta que a medida do engajamento acadêmico não depende exclusivamente dos pensamentos ou sentimentos dos alunos, mas é principalmente influenciada pela forma como eles agem e lidam com os desafios acadêmicos. A teoria destaca cinco pressupostos básicos sobre engajamento, conforme o Quadro 1.

Quadro 1- Os cinco pressupostos fundamentais do engajamento

PRESSUPOSTOS FUNDAMENTAIS DO ENGAJAMENTO	DESCRIÇÃO
Investimento de energia	O nível de engajamento é determinado pela quantidade de energia física e psicológica que um aluno investe em seus estudos.
Variação no engajamento	Alunos diferentes podem demonstrar diferentes níveis de engajamento para o mesmo conteúdo. Um mesmo aluno pode variar seu envolvimento em diferentes assuntos ou em momentos diferentes.
Aspectos quantitativos e qualitativos	O envolvimento acadêmico envolve tantos aspectos quantitativos, como o tempo dedicado aos estudos, e quanto aspectos qualitativos, incluindo compreensão e aprendizagem derivadas de leituras e tarefas.
Relação entre engajamento e aprendizado	A quantidade de aprendizagem em um programa educacional está diretamente ligada à medida do envolvimento dos estudantes. Quanto mais envolvimento, maior o potencial de aprendizagem.
Eficácia das práticas educacionais	A eficácia de qualquer política ou prática educacional está intrinsecamente relacionada à sua capacidade de aumentar o envolvimento dos estudantes. O sucesso de uma abordagem educacional é determinado pela sua habilidade em fomentar o engajamento.

Fonte: Adaptado de Astin (1984)

Trowler (2010) propõe uma abordagem que divide o engajamento em três dimensões principais. O engajamento comportamental que se refere ao cumprimento das normas e à participação ativa dos alunos sem comportamentos perturbadores. O engajamento emocional que envolve reações afetivas como interesse, prazer e um senso de pertencimento. E o engajamento cognitivo que diz respeito ao investimento no aprendizado, no qual os estudantes vão além dos requisitos exigidos e apreciam desafios acadêmicos.

Uma vez que o engajamento acadêmico se configura como um fenômeno de âmbito institucional e é reconhecido como uma das abordagens mais eficazes para o aprimoramento da prática educacional (Coates, 2009), torna-se fundamental examinar como a sobreposição de demandas impostas pela dupla jornada de trabalho pode comprometer esse processo de envolvimento estudantil.

2.2 Jornada dupla de Trabalho

No mundo contemporâneo, estudo e trabalho assumem significados complexos, constituindo-se como pilares para a obtenção de estabilidade financeira e perspectivas futuras mais promissoras (Abrantes, 2012). Entretanto, grande parte dos jovens e adultos brasileiros que concilia o percurso universitário com o exercício profissional depara-se com um ambiente organizacional rígido, jornadas laborais extenuantes e pouco conhecimento acerca dos direitos trabalhistas (Tombolato, 2005). Essas condições forçam escolhas difíceis entre a continuidade dos estudos e a garantia da subsistência, resultando em rotinas desgastantes, escassez de apoio institucional e limitação das oportunidades de desenvolvimento acadêmico e profissional.

Vargas e Paula (2013) destacam que apesar da democratização ter ampliado o ingresso de setores das classes mais baixas no ensino superior brasileiro, as políticas públicas de acesso e permanência não contemplam as especificidades do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante, ainda que a maioria dos universitários brasileiros trabalhem ou estejam à procura de trabalho. Como destaca Giroto (2017, p. 214), a dupla condição de trabalhar e estudar é central, visto que para uma parcela dos estudantes não “existe a opção de abandonar o trabalho para continuar os estudos”. A rigor, o trabalho é pré-condição para concorrer a uma vaga e sobreviver, inclusive no ensino superior público.

A conciliação da dupla jornada do estudante trabalhador pode ser agravadora da sobrecarga psíquica desses indivíduos. Provocada pela rotina de responsabilidades em que estão submetidos por parte da organização do trabalho, e dificuldades no gerenciamento do tempo para o cumprimento dos afazeres pessoais e acadêmicos (Marques, 2018). A rotina dos estudantes de cursos noturnos implica em desgaste cotidiano, “poucas horas de sono, dificuldades com transporte, falta de tempo para comer, pouco tempo com a família, privação ou postergação de alguns bens de consumo” (Almeida, 1998, p. 24).

De acordo com a pesquisa conduzida pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES, 2018) – que envolveu 424.128 alunos com o propósito de identificar os principais fatores que impactam seu desempenho acadêmico – foram apontadas quatro dificuldades centrais: restrições financeiras, longos deslocamentos até o campus, exigência de constante adaptação a novas rotinas e carga horária excessiva. Essas adversidades intensificam o desgaste diário e podem comprometer tanto o rendimento acadêmico quanto a saúde física e mental dos estudantes. Na ausência de suporte adequado, muitos ficam sobrecarregados, enfrentando obstáculos significativos para concluir a graduação e, conseqüentemente, reduzindo suas perspectivas de inserção profissional qualificada.

A coexistência entre trabalho e estudo também está associada a uma maior prevalência de sintomas depressivos, estresse e fadiga, em razão do esforço ampliado que o estudante trabalhador dedica às demandas laborais e acadêmicas (Fernandez et al., 2018). Essa condição configura-se como um fator de risco para a permanência na universidade, elevando a vulnerabilidade ao adoecimento psíquico (como a depressão) e à interrupção precoce dos estudos (Aguar; Macedo, 2023).

Além disso, Pereira et al. (2016) destacam que, no ambiente de trabalho, a pressão por metas e produtividade intensifica o desgaste do estudante, reduzindo o tempo disponível para as atividades acadêmicas e extracurriculares. Assim, a dupla jornada pode gerar prejuízos diretos no desempenho, uma vez que o estudante trabalhador dispõe de recursos limitados para conciliar adequadamente suas responsabilidades.

3 METODOLOGIA

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fundamentais nesse tipo de abordagem, que dispensa técnicas estatísticas e se baseia em dados coletados no ambiente natural, tendo o pesquisador como

instrumento-chave (Prodanov; Freitas, 2013). Trata-se de uma pesquisa descritiva, na qual o processo e seus significados constituem o foco central, com os dados sendo analisados de forma predominantemente indutiva.

No que se refere à coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com estudantes do curso de Administração de uma instituição pública de ensino superior, totalizando quinze (15) participantes. Logo, visto que esse número atingiu o ponto de saturação, ou seja, as respostas começaram a se repetir, foram dadas por encerradas as entrevistas, uma vez que as demais não trouxeram novas formas de impacto, novos sentimentos ou estratégias dos alunos.

A seleção e abordagem dos entrevistados ocorreram por meio de uma pesquisa de triagem, que identificava se o estudante já exercia alguma atividade laboral. Essa etapa foi essencial, pois, para o alcance dos objetivos do estudo, era necessário que todos os participantes estivessem inseridos no mercado de trabalho, seja como empregados formais ou em estágios. No entanto, optou-se por trabalhar com estagiários para unir e identificar a importância do estágio nesse contexto.

Do conjunto de 15 participantes, 12 eram do sexo feminino e 3 do masculino, com idades variando de 19 a 27 anos (média aproximada de 22 anos) e distribuídos entre o 2º e o 9º semestre, predominando os semestres mais avançados (7º, 8º e 9º). A maior parte referiu renda familiar de até três salários mínimos, embora alguns tenham indicado faixas mais elevadas (até sete salários) ou não tenham informado. A renda individual oscilou entre R\$ 400,00 e R\$ 1.432,00 mensais. Quanto ao estágio, os alunos atuavam em áreas diversas – Gestão de Pessoas, Contabilidade, *Commerce* (vendas), Operacional bancário, Setor Administrativo (incluindo finanças e serviços cartoriais), Processos e Administração Pública – evidenciando um perfil ocupacional multidimensional durante a dupla jornada.

As entrevistas foram conduzidas de forma individual, utilizando recursos digitais como *Google Meet* e *WhatsApp*, o que facilitou a participação dos estudantes. Apesar das limitações relacionadas à realização de encontros presenciais, foi possível realizar nove entrevistas presencialmente. Todas as conversas foram gravadas em áudio e vídeo, com o uso de celular ou notebook, e posteriormente transcritas com o consentimento dos participantes. A escolha entre o formato *on-line* ou presencial ficou a critério dos entrevistados e mostrou-se eficaz, principalmente pela praticidade e pelo fácil acesso aos estudantes. Após a transcrição das entrevistas, que duraram em média trinta e cinco minutos, foram geradas setenta e nove páginas de conteúdo.

A análise dos dados foi conduzida com base na abordagem temática proposta por Braun e Clarke (2012), utilizando categorias definidas *a priori*, ou seja, estabelecidas antes da leitura detalhada das entrevistas. Essas categorias foram construídas com base nos objetivos da pesquisa e no roteiro de entrevista semiestruturado, que já orientava a divisão dos conteúdos em três eixos principais: (1) demandas de trabalho e tempo de estudo, (2) desafios pessoais e emocionais, e (3) importância do estágio na integração acadêmica e profissional. A escolha por categorias *a priori* permitiu uma organização mais direta dos dados, alinhada ao foco da investigação, sem, contudo, impedir a identificação de subtemas emergentes dentro de cada categoria. Braun e Clarke (2012) definem a análise temática como um procedimento sistemático de identificação de padrões recorrentes nas descrições de um determinado fenômeno, com o objetivo de revelar semelhanças significativas entre as falas. Contudo, a frequência de um dado padrão não assegura seu valor analítico: é imprescindível que os temas emergentes se alinhem diretamente aos objetivos e às questões centrais da pesquisa (Braun; Clarke, 2012).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 As demandas de trabalho e o tempo para os estudos

Esta seção dedica-se a examinar como os estudantes articulam o estágio supervisionado com as exigências curriculares, evidenciando estratégias de enfrentamento frente à rotina

extenuante, ao tempo restrito e aos desafios de manter o foco nos estudos após jornadas laborais. Para os entrevistados, conciliar trabalho e estudo emergiu como uma das principais dificuldades, especialmente no que tange à dimensão comportamental do engajamento acadêmico – isto é, às atitudes observáveis dos estudantes, tais como assiduidade às aulas, participação em atividades, entrega de trabalhos e empenho nas tarefas (Trowler, 2010). Essas práticas são diretamente prejudicadas pelas limitações de tempo e energia, impondo aos estudantes elevados níveis de organização, resiliência e, por vezes, renúncias, de modo a acompanhar o ritmo exigido pela vida universitária.

Fica um pouco corrido, mas me vejo conciliando bem as duas situações. Mas, também percebi que fiquei um pouco mais dispersa no segundo horário, sonolenta e que as horas de estudo diminuíram um pouco relacionadas anteriormente quando não precisava trabalhar (Entrevistada 2).

É um pouco complicado. Principalmente nos finais dos períodos, onde juntam provas, seminários, um artigo, mas é necessário porque eu dependo da bolsa do estágio para estar morando aqui em patos (Entrevistado 9).

Um pouco corrido, entende, pois, conciliar trabalho com estudo não é fácil, porém, costumo sempre não deixar as coisas se misturarem, quando saio do trabalho deixo tudo lá, e volto a minha rotina pessoal e de estudante. É uma experiência única e sei que todo o cansaço vai valer a pena e tudo vai passar (Entrevista 13).

Os relatos dos participantes revelam que, apesar das constantes tentativas de equilíbrio, o tempo dedicado aos estudos acaba sendo frequentemente sacrificado ou condicionado pelo cansaço, pelos prazos e pela dinâmica do estágio. Moreira, Lima e Silva (2011), ao citarem Carrelli e Santos (1999), destacam que esse grupo de estudantes tende a apresentar desempenho acadêmico insuficiente, em grande parte em função da escassez de tempo para estudo, do desânimo, da fadiga, do sono e do estresse. Além disso, hábitos como dormir tarde e adotar padrões alimentares inadequados agravam ainda mais essas dificuldades, comprometendo significativamente a capacidade de aprendizagem. A sobreposição de prazos entre estágio e faculdade se mostra crítica em períodos de provas e seminários, e até mesmo quando as demandas do estágio são maiores evidenciando a sobrecarga desses estudantes em alguns períodos:

Chega uma hora que bate sim uma exaustão, mas para mim é mais relacionado ao sono (Entrevistada 2).

Me sinto sobrecarregada principalmente nos períodos dos finais do mês onde tenho muita demanda na empresa e minha produtividade cai um pouco tanto no trabalho quanto nos estudos porque não consigo me concentrar tão bem para nenhum dos dois (Entrevistada 3).

Assim, para mim os dias mais sobrecarregados são quando preciso ir à noite para a faculdade assistir aula. Aí eu sinto a pressão do dia, e vejo sim que fico sobrecarregada (Entrevistada 15).

Os depoimentos evidenciam o impacto fisiológico imposto pelo ritmo intenso, corroborado por diversas outras narrativas. Esses achados dialogam com os cinco pressupostos centrais da Teoria do Envolvimento de Astin (1984): a necessidade de investimento energético pelo estudante; a variabilidade dos níveis de engajamento; as dimensões quantitativas e qualitativas da participação; a interdependência entre engajamento e aprendizagem; e a eficácia de práticas pedagógicas que estimulam a participação ativa. Para enfrentar tais desafios, muitos estudantes relatam estratégias de adaptação (como dedicar o período noturno, os intervalos livres ou os fins de semana aos estudos), garantindo o cumprimento de prazos acadêmicos sem prejudicar sua jornada de trabalho.

Meu tempo livre para conseguir estudar é quando chego do estágio (Entrevistada 3).

No decorrer da semana tento ir estudando dentro do ônibus para dar conta das atividades da faculdade (Entrevistada 7).

Eu só tenho tempo de estudar nos finais de semana ou quando chego a noite da faculdade (Entrevistado 9).

Só consigo estudar nas janelas da tarde, entre o estágio e a faculdade (Entrevistado 10).

Abrantes (2012) ressalta que, para lidar com o duplo desafio de estudar e trabalhar, muitos estudantes estendem suas atividades acadêmicas aos finais de semana e até às madrugadas. Apesar dessas adversidades, alguns entrevistados reconhecem o valor intrínseco desse esforço, revelando uma notável resiliência frente às pressões impostas pela jornada dupla.

Ainda considero que estou conciliando bem as duas coisas (Entrevistada 1).

Eu acho cansativo essa experiência, mas acho que essa etapa é muito importante na minha formação, porque estou vendo na prática e assimilando o que se é mostrado em sala de aula (Entrevistada 4).

Conciliar trabalho e estudos não tem sido fácil, mas tem sido uma experiência muito enriquecedora. No dia a dia, preciso me organizar bem para dar conta das tarefas no estágio e ainda acompanhar os conteúdos da faculdade. Tem dias que são bem puxados, mas mesmo assim consigo ver o quanto estou evoluindo (Entrevistada 14).

Em síntese, observa-se que, mesmo imersos em rotinas extenuantes e repletas de demandas concorrentes, os estudantes mantêm elevados níveis de motivação, o que revela marcados traços de resiliência. Polk (1997) enfatiza que indivíduos resilientes não apenas enfrentam adversidades, mas encontram nelas sentido e oportunidades de aprimoramento pessoal e profissional. Nesse contexto, a capacidade de perseverar diante das pressões da jornada dupla reflete não só a força de vontade individual, mas também sugere a necessidade de instituições e políticas acadêmicas que reconheçam e apoiem essas estratégias adaptativas, ampliando recursos de suporte – como flexibilidade curricular, aconselhamento psicológico e programas de bem-estar – capazes de potencializar o engajamento e o sucesso desses discentes.

4.2 Desafios pessoais e emocionais enfrentados pelos estudantes

Esta seção reflete sobre as respostas emocionais dos estudantes ao conciliar estágio supervisionado e atividades acadêmicas. Mais do que descrever a rotina extenuante, o foco recai sobre a forma como eles gerenciam o cansaço, o estresse e as pressões cotidianas. Os relatos apontam, de forma recorrente, para uma sobrecarga emocional e física, em cuja base emerge o sentimento de exaustão – presente em diferentes intensidades. Essa vivência situa-se na dimensão afetiva do engajamento, que abrange a motivação, as aspirações de aprendizagem, os objetivos pessoais e o vínculo emocional estabelecido com o objeto de estudo ou com a instituição (Trowler, 2010). Tais elementos afetivos moldam profundamente a maneira como os estudantes enfrentam os desafios impostos pela dupla jornada.

Um pouco cansada. Como já tem um tempo que venho trabalhando e estudando, e também trocando de postos de trabalhos, não consigo conciliar as férias dos dois ambientes. Quando estou de férias da faculdade estou trabalhando (Entrevista 1).

Quando o trabalho exige mais tempo de mim, eu não consigo ser tão produtiva nos estudos ou na sala de aula (Entrevistada 5).

Ahan, sim, me sinto muito, é muito puxado uma rotina de trabalhos e estudo, e não dá para conciliar mais nada além disso (Entrevistada 12).

Verifica-se que, ao conciliar trabalho e estudos, os alunos enfrentam sérias limitações temporais que prejudicam tanto o acompanhamento das disciplinas quanto a participação em atividades extracurriculares (Pereira et al., 2016). Entre os principais fatores motivacionais que sustentam essa jornada dupla, a busca por estabilidade financeira sobressai, manifestando-se na necessidade de colaborar com a renda familiar ou garantir autonomia econômica mínima, conforme relataram diversos entrevistados.

Por questões financeiras né, e também por motivos pessoais de formação como profissional (Entrevistada 2)

Conseguir meu diploma, para com isso ter uma perspectiva profissional melhor e minha vida financeira também melhorar (Entrevistada 7).

Para mim não é opção trabalhar, é necessidade (Entrevista 8).

A necessidade da bolsa é o que mais me motiva. (Entrevistado 9).

Assim, o emprego configura-se não apenas como fonte de subsistência, mas também como pré-requisito para a permanência no curso, inclusive em instituições públicas (Giroto, 2017, p. 214). Embora os entrevistados relatem diferentes horários de maior produtividade — uns preferindo as primeiras horas da manhã, outros o período noturno — o cansaço advindo da sobreposição de demandas é unânime. Esse desgaste compromete diretamente a capacidade de concentração, a assimilação de conteúdos e o rendimento acadêmico, evidenciando a tensão entre a necessidade financeira e o compromisso com os estudos.

Com certeza afeta. Porque muitas das vezes estamos trabalhando e pensando nas demandas da faculdade e inversamente (Entrevistada 3).

No trabalho nem tanto, mas com relação à faculdade vejo sim que minha produtividade caiu um pouco, tipo, comparando principalmente quando eu não precisava trabalhar (Entrevistada 4).

Quando estava cumprindo as oito horas diárias eu chegava em casa tomava um banho correndo, para comer correndo também para não me atrasar para o primeiro horário. Mas como mudei de turno e horário hoje está bem menos e consigo ser mais produtiva nos dois (Entrevistada 6).

Os resultados indicam que estudantes que conciliam trabalho e estudo encontram barreiras significativas em seu rendimento acadêmico, uma vez que o tempo escasso prejudica tanto o aprofundamento nos conteúdos quanto a participação em atividades extracurriculares (Pereira et al., 2016). A isso soma-se o impacto negativo do estresse pessoal (gerado pela pressão de prazos laborais e acadêmicos), que mina a produtividade e a capacidade de concentração. Além disso, a sobrecarga emocional e física decorrente da jornada dupla pode levar ao esgotamento, comprometer a saúde mental e, em última instância, incrementar as taxas de evasão. Esses achados reforçam a necessidade de políticas institucionais que ofereçam suporte específico ao estudante trabalhador, como flexibilização de prazos, programas de aconselhamento psicológico e iniciativas de desenvolvimento de habilidades de gestão do tempo. Por fim, a compreensão dessa dinâmica pode embasar práticas pedagógicas e administrativas mais sensíveis às demandas dos discentes, promovendo um ambiente acadêmico mais inclusivo e propício ao sucesso de todos.

Sim, principalmente em alguns períodos do mês, mas especificamente entre o final do mês e o início do outro. Como sou estagiária no setor de contabilidade esses dois períodos do mês são muito puxados por termos muitas notas para lançar no sistema (Entrevista 2).

Sim. Mais pelo cansaço. Porque tipo, na minha situação em especial eu tenho uma doença crônica que afetam meus hormônios, e que impactam nas minhas vitaminas, e que me deixam com mais cansaço. Daí quando junto a dupla jornada, com a rotina de casa, com relacionamento, e cuidar da própria saúde esse impacto acontece sim, no trabalho e nos estudos (Entrevistada 8).

Meu pai teve problemas de saúde e eu não consegui dar conta das minhas responsabilidades acadêmicas (Entrevistado 10).

Esses depoimentos corroboram os achados de Marques (2018), que demonstram como a conciliação entre trabalho e universidade acarreta elevados níveis de sobrecarga, em grande parte decorrentes da insuficiência de tempo para repouso adequado. Mais do que um simples desgaste temporal e físico, a jornada dupla impõe um entrelaçamento intenso com outras esferas da vida estudantil (familiar, social e emocional), exigindo dos alunos um contínuo exercício de autorregulação e gestão do estresse para manter o desempenho acadêmico e o bem-estar pessoal.

4.3 A importância do estágio para a integração das experiências acadêmicas e profissionais do estudante

Neste tópico, investigou-se de que modo o estágio supervisionado confere significado ao aprendizado acadêmico, conectando teoria e prática na construção da trajetória profissional dos estudantes. A maior parte dos entrevistados reconhece o estágio como espaço privilegiado para aplicar e consolidar os conhecimentos adquiridos em sala de aula, validando conceitos teóricos por meio de experiências reais. Essa articulação prática-teórica relaciona-se diretamente à dimensão cognitiva do engajamento, que envolve o investimento intelectual dos alunos – nível de concentração, pensamento crítico, capacidade de resolução de problemas e aprofundamento no conteúdo (Trowler, 2010). Por meio dessa vivência profissional, os discentes não apenas exercitam o raciocínio analítico, mas também refinam estratégias de aprendizagem, fortalecendo a compreensão e a apropriação dos saberes em contexto real de trabalho.

O estágio abre portas, principalmente para uma melhor identificação, e para a diversidade de áreas que a administração oferece. Quando ingressei na faculdade meu objetivo principal era passar num concurso, mas com o decorrer dos períodos fui me identificando com a área da docência, principalmente no setor financeiro. Um setor pouco explorado pelos alunos de Administração e que tem um mercado com falta de profissionais. Então, o estágio é muito importante para a formação de nós alunos (Entrevistada 2).

Vejo que está sendo muito importante esse estágio para mim na minha formação acadêmica (Entrevistada 4).

O estágio é como uma luz que vai lhe direcionar profissionalmente (Entrevistado 9).

Adquirir conhecimento, principalmente. E nesse meu estágio por ser na área financeira, está sendo ainda mais vantajoso porque é uma área que eu pretendo seguir na Administração (Entrevistado 11).

Segundo Pimenta e Lima (2012), o estágio supervisionado representa uma oportunidade singular de articular teoria e prática, entretanto sua efetividade está condicionada à sinergia entre instituição de ensino, estudante e campo de estágio. Em contrapartida, alguns

entrevistados relatam que, na realidade cotidiana, as atividades atribuídas no estágio raramente propiciam essa integração, limitando a aplicação dos saberes teóricos em experiências práticas.

Difícilmente né, porque na maioria das vezes as ementas têm um monte de conteúdo mais teórico e nada de prática. Quando chegamos para a prática percebemos que é totalmente diferente. Atualmente o setor que eu trabalho no estágio eu lido muito com leis e foram coisas que não vi ainda na faculdade. Portanto, essas interações de conteúdos poderiam ser melhor trabalhadas com os professores em sala de aula através de oficinas conosco estudantes (Entrevistada 1).

Eu acredito que bem pouco. No meu atual estágio os conhecimentos dos quais consigo fazer essa integração são das disciplinas de Gestão de pessoas e Marketing. Mas das demais nenhum (Entrevistada 5).

As empresas deveriam ser orientadas para receber os estagiários. Muitas vezes vamos só como uma mão de obra barata (Entrevistado 10).

Esse ponto evidencia a discrepância entre a proposta pedagógica do estágio e sua efetivação no cotidiano profissional. Como assinalam Oliveira e Cunha (2006) o objetivo do estágio supervisionado é proporcionar aos discentes a oportunidade de aplicar seus conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional, criando a possibilidade do exercício de suas habilidades. Espera-se que, com isso, o aluno tenha a opção de incorporar atitudes práticas e adquirir uma visão crítica de sua área de atuação.

Um estágio bem orientado pode reforçar o aprendizado teórico e, ao mesmo tempo, despertar mais interesse e envolvimento dos estudantes com a profissão. No curso de Administração, essa experiência ganha ainda mais importância, já que desenvolver habilidades práticas, lidar com situações reais e tomar decisões são partes essenciais da formação. Por isso, o estágio não deveria ser visto apenas como uma exigência curricular, mas como uma etapa estratégica do processo de aprendizagem.

Além disso, quando o estágio é mais estruturado e alinhado aos objetivos do curso, cria um ambiente mais favorável ao aprendizado significativo. Isso contribui diretamente para a formação do estudante e também traz ganhos para as organizações, que passam a contar com estagiários mais preparados, engajados e conectados com a prática profissional. Em uma área como a Administração, em que a aplicação do saber é constante, essa integração entre teoria e prática é essencial para a construção de trajetórias profissionais sólidas e conscientes.

4.4 O engajamento de estudantes com jornada dupla

Os depoimentos revelam um panorama variado de engajamento acadêmico: enquanto alguns estudantes exibem elevado grau de envolvimento — integrando centros acadêmicos e participando ativamente de projetos — outros enfrentam barreiras significativas, como a escassez de tempo e as condições logísticas, em especial os deslocamentos diários, que dificultam sua participação plena nas atividades universitárias.

Até o momento, sim! Porque tipo eu participo de dois projetos de extensão ofertados pela faculdade e consigo perceber que meu rendimento se manteve na média relacionado aos períodos passados (Entrevistada 2).

Sim! Até o momento consegui aproveitar o máximo do que a faculdade oferece. Sou membro do CAAD, já fui monitora de disciplinas, participei de projetos de pesquisa e extensão, além de considerar que minhas notas são ótimas. O que me deixa muito satisfeita (Entrevistada 6).

Não. E o principal fator que vejo nesse meu não engajamento é por ser estudante que tem que passar várias horas dentro de um ônibus para chegar até a faculdade e para voltar a minha cidade. Muitas vezes deixamos de participar dos eventos da faculdade,

participar dos projetos que os professores oferecem e muitas das vezes também por não ter outro transporte a não ser o que venho a noite para a faculdade (Entrevistada 7).

Não me sinto engajado. Além da sala de aula eu não consigo participar de nenhum outro projeto de pesquisa, ou extensão. Então, por isso não me considero engajado (Entrevistado 10).

Conforme exposto por Astin (1984) em sua Teoria do Envolvimento, existem cinco pressupostos fundamentais sobre o engajamento estudantil. Um dos mais relevantes é a variação desse engajamento: estudantes diferentes podem demonstrar níveis distintos de envolvimento diante de um mesmo conteúdo, assim como um mesmo aluno pode apresentar graus variados de engajamento conforme o tema abordado ou o momento vivido. Essa flutuação reflete não apenas características individuais (motivação intrínseca, estilos de aprendizagem, demandas externas), mas também fatores contextuais, como carga horária cumulativa, exigências laborais e pressões familiares – elementos comuns à jornada dupla.

Quando questionados sobre de que forma a instituição e os docentes poderiam aprimorar a experiência acadêmica, muitos pesquisados recomendaram maior flexibilidade, exigências mais equilibradas e um incentivo mais efetivo à participação.

Na minha visão da instituição, se a universidade oferecesse mais oportunidade de bolsas, ou melhores parcerias de estágios, com remunerações melhores também, acho que teríamos um número menor de alunos que estudam e trabalham, e consequentemente se dedicando mais aos estudos. Há também um número muito baixo de vagas ofertadas de estágios para o curso de Administração na cidade de Patos-PB (Entrevistada 2).

A instituição deveria cobrar mais dos professores sobre o estágio dos alunos (Entrevistada 4).

A universidade deveria oferecer mais aulas práticas e visitas técnicas para aproximar teoria e realidade profissional (Entrevistada 5).

A universidade poderia distribuir melhor a semana de provas e seminários (Entrevistada 7).

Os professores acho que fazem o máximo para engajar os alunos. Mas nas questões da instituição e atividades acadêmicas deveria existir uma flexibilidade para os alunos que são de fora, principalmente em questões de faltas quando estão sem transportes. Outro ponto seria a oferta de mais projetos de pesquisas e de extensão (Entrevistado 10).

Essa percepção coaduna-se com o argumento de Reis e Bandos (2012, p. 427), os quais defendem uma atuação docente proativa, reconhecendo o papel mediador do professor entre discentes, sociedade e mercado de trabalho. Tais profissionais devem, portanto, estar plenamente conscientes das responsabilidades sociais que recaem sobre seus graduandos.

Os depoimentos dos estudantes revelam modalidades distintas de engajamento universitário. Enquanto alguns se engajam intensamente em projetos de pesquisa, monitorias e centros acadêmicos, outros encontram obstáculos significativos para participar de atividades extraclasse, em razão do cansaço físico, da escassez de tempo ou das longas trajetórias de deslocamento até o campus. Esse contraste evidencia a natureza heterogênea do engajamento acadêmico, cujas manifestações variam conforme as circunstâncias particulares de cada aluno.

Sob a ótica da Teoria do Envolvimento de Astin (1984), esse fenômeno é explicado pela relação direta entre o grau de engajamento e o investimento de tempo, energia física e emocional que o estudante pode dispensar às atividades acadêmicas. No caso daqueles que

acumulam jornada dupla (trabalho e estudos), esse investimento torna-se fragmentado e frequentemente insuficiente, comprometendo o envolvimento pleno. Ao debruçar-se sobre as dimensões do engajamento, diante das experiências dos pesquisados, observa-se que:

- Dimensão comportamental: manifesta-se em indicadores observáveis, tais como frequência às aulas, participação em tarefas e entrega de trabalhos. Muitos participantes relataram o desejo de ampliar sua atuação, mas apontaram que a sobrecarga de compromissos e o desgaste diário limitam substancialmente essas práticas. Essa constatação converge com a análise de Cardoso e Sampaio (1994), que atribuem ao exercício profissional a redução do vínculo com a vida acadêmica.
- Dimensão afetiva: corresponde ao vínculo emocional do estudante com o curso, a instituição e suas próprias metas. Mesmo diante do cansaço, inúmeros relatos destacam a motivação intrínseca, a esperança e o anseio de conclusão como fatores que sustentam o sentimento de pertencimento. Costa e Côrte Vitória (2017) e Harper e Quaye (2009) ressaltam que esse sentido de valorização da formação constitui um alicerce essencial para a continuidade do engajamento.
- Dimensão cognitiva: relaciona-se ao esforço intelectual, à capacidade de concentração e à aplicação prática do conhecimento. Quando o estágio ou as atividades práticas apresentam consonância com a teoria ministrada em sala de aula, os estudantes reportam aprendizagem mais significativa e maior integração entre teoria e prática, conforme preconizado por Pimenta e Lima (2012). Em contrapartida, tarefas mecânicas ou desarticuladas do objeto de estudo tendem a fragilizar essa dimensão.

Em síntese, o engajamento de estudantes em jornada dupla revela-se um constructo complexo, que extrapola a mera presença física em sala de aula e se entrelaça a fatores emocionais, materiais, institucionais e práticos. Tal constatação impõe às universidades o desafio de reconhecer esses múltiplos condicionantes e de desenvolver estratégias institucionais sensíveis à realidade desses discentes.

Dessa forma, torna-se determinante formular e implementar políticas de suporte pedagógico contínuo, flexibilização de prazos, ampliação de estágios remunerados e concessão de bolsas de apoio, além de práticas que promovam o equilíbrio entre as esferas acadêmica, profissional e pessoal. Tais medidas podem diminuir os efeitos adversos da jornada dupla (sobre tempo disponível, rendimento e saúde estudantil), além de fortalecer a coesão e a eficácia do engajamento acadêmico enquanto fenômeno indissociável das condições socioeconômicas e emocionais dos aprendizes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa que teve como objetivo principal abordar os efeitos da jornada dupla no engajamento acadêmico de estudantes do curso de Administração de uma instituição pública de ensino superior, valorizando as histórias de quem concilia estudo e trabalho. A partir dos relatos, tornou-se evidente que o tempo disponível para a aprendizagem é reduzido pelo acúmulo de atividades laborais e de estágio: muitos discentes só conseguem estudar em horários alternativos (durante a noite ou nos deslocamentos), situação que compromete tanto o rendimento quanto a profundidade do aprendizado. A sobreposição de prazos, o desgaste físico e mental e o sacrifício de momentos de descanso ilustram a tensão constante entre as demandas profissionais e o compromisso acadêmico.

O cotidiano desses estudantes também se mostra permeado por desafios emocionais e de saúde mental. Embora a motivação financeira sustente a permanência no emprego, o acúmulo de responsabilidades revela-se um fator de estresse, prejudicando a concentração, a produtividade e o bem-estar psicológico. Pressões externas (como exigências familiares) intensificam essa sobrecarga, mas, simultaneamente, emergem manifestações de resiliência e adaptação que atestam a determinação desses sujeitos em dar prosseguimento à sua formação.

No que diz respeito à integração entre teoria e prática, o estágio aparece como espaço privilegiado de aprendizagem e orientação de carreira, ainda que sob críticas relativas ao desalinhamento com o currículo e ao uso do estagiário como mão de obra. Quando bem estruturado e articulado às atividades acadêmicas, o estágio propicia sentido à trajetória formativa, reforçando o engajamento ao permitir que o estudante enxergue claramente a aplicação do que apreendeu.

Ao refletir sobre as dimensões afetiva, cognitiva e comportamental do engajamento, este estudo demonstra que o cansaço, a escassez de tempo e a ausência de suporte institucional afetam cada uma dessas vertentes. O engajamento, portanto, não se resume à presença em sala de aula ou à participação em projetos, mas traduz o grau de investimento de tempo, energia e emoção que cada estudante pode despende.

Em termos de contribuição teórica, a pesquisa inova ao articular, no contexto nacional, os temas “jornada dupla” e “engajamento acadêmico”, propondo indicadores que extrapolam a mera frequência. No plano institucional, evidencia-se a urgência de políticas sensíveis à realidade dos estudantes trabalhadores: suporte pedagógico contínuo, flexibilização de prazos, ampliação de estágios remunerados e concessão de bolsas de apoio são medidas fundamentais para equilibrar as esferas acadêmica, profissional e pessoal.

Por fim, embora limitada pela escassez de estudos nacionais sobre essa interface, esta investigação reforça o valor de abordagens qualitativas e da escuta atenta às vozes dos discentes. Futuras pesquisas poderão aprofundar a diversidade de cursos e contextos analisados, comparar práticas entre instituições públicas e privadas e adotar metodologias como a história oral para revelar novas facetas da experiência daqueles que vivem a complexa realidade da jornada dupla.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, N.N.F. **Trabalho e estudo: uma conciliação desafiante**. In: IV Fórum Internacional de Pedagogia. Campina Grande: Realize Editora, 2012.
- AGUIAR, K. G. M.; MACEDO, M. C. Saúde mental e qualidade de vida do estudante trabalhador. **Revista Fronteiras em Psicologia**. 2023, v.5: e234 ISSN 2595-962X.
- ALMEIDA, L. R. **Curso noturno: Uma abordagem histórica**. FDE, 1998.
- ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO INEP. **MEC e INEP divulgam resultado do Censo Superior 2023**. Disponível em: [https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/mec-e-inep-divulgam-resultado-do-censo-superior2023#:~:text=J%C3%A1%20as%20institui%C3%A7%C3%B5es%20p%C3%ABlicas%20registraram,569.089\)%2C%20na%20rede%20p%C3%ABlica](https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/mec-e-inep-divulgam-resultado-do-censo-superior2023#:~:text=J%C3%A1%20as%20institui%C3%A7%C3%B5es%20p%C3%ABlicas%20registraram,569.089)%2C%20na%20rede%20p%C3%ABlica). Publicado em: 3 de outubro de 2024.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. Andifes. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e cultural dos (as) graduandos (as) das IFES - 2018**. Brasília: Andifes, 2019. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>.
- ASTIN, A. **Student involvement: a developmental theory for higher education**. Journal of College Student Development, Maryland, USA, v.25, p. 297–308, 1984.
- ASTIN, A. **What matters in college?: Four critical years revisited**. San Francisco: Jossey-Bass, 1993.
- BANFF, A. et al. **Student engagement among business students**. 2006. Disponível em: <http://attila.acadiau.ca/library/ASAC/v27/content/authors/c/chua,%20clare/STUDENT%20ENGAGEMENT.pdf>.
- BARKLEY, E. F. **Student engagement techniques: a handbook for college faculty**. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2010.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Thematic Analysis. In: COOPER, H.; CAMIC, P. M.; LONG, D. L.; PANTER, A. T.; RINDSKOPF, D.; SHER, K. J. (ed.). **APA handbook of research methods in psychology**. Vol. 2, Research designs: quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological. Washington, DC: American Psychological Association, 2012. p. 57-71.

BOND, M.; BEDENLIER, S. Facilitating Student Engagement Through Educational Technology: Towards a Conceptual Framework. **Journal of Interactive Media in Education**, v. 2019, n. 1, p. 1–14, set. 2019.

CARA, G. R. B. et al. **ENGAJAMENTO DO ESTUDANTE: implicações para a avaliação no contexto universitário brasileiro**. InterSciencePlace, v. 17, n. 5, 2022.

CARDOSO, R.; SAMPAIO, H. Estudantes Universitários e o trabalho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 9, n. 26, out. 1994.

CARELLI, M. J. G.; SANTOS, A. A. A. Condições temporais e pessoais de estudo em universitários. **Psicol. esc. educ.**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 265-278, 1998.

CASARTELLI, A.; VITÓRIA, M. I. C.; COSTA, P. T.; RIGO, R. M. Engajamento acadêmico: desafios para a permanência do estudante na Educação Superior. **Educação. Revista quadrimestral**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 262-269, maio-ago. 2018.

CHICKERING, A. W.; GAMSON, Z. F. **Seven Principles for Good Practice in Undergraduate Education**. Boletim AAHE, v. 3, [s.n], p. 3-7, 1987.

COATES, H. The value of student engagement for higher education quality. **Assurance in Higher Education**, USA, v. 11, n. 1, p. 25-36, 2005.

COATES, H. A model of online and general campus-based student engagement. **Assessment and Evaluation in Higher Education**, USA, v. 32, n. 2, p. 121–141, 2007.

COATES, H. **Engaging students for success**. Australasian student engagement report. Melbourne: ACER, 2009. Disponível em: < [https:// works.bepress.com/hamish_coates/58/](https://works.bepress.com/hamish_coates/58/)>.

COSTA, P. T.; CÔRTE VITÓRIA, M. I. C. Engajamento acadêmico: apostes para os processos de avaliação da educação superior. In: EDUCERE CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13. 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2017.

COSTA, M. M. DESAFIOS DE TRABALHADORES-ESTUDANTES NO ENSINO SUPERIOR. **Anais do Seminário de Atualização de Práticas Docentes**, v. 2, n. 1, 2020.

COMIN, A. A.; BARBOSA, R. J. Trabalhar para estudar: sobre a pertinência da noção de transição escola-trabalho no Brasil. **Novos Estudos – Cebrap**, 91, 75-95, 2011.

DANTAS, B. S. A.; DA SILVA, L. V. O cotidiano do trabalhador-estudante: Dimensões ideológicas dos discursos e práticas. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 2, n. 3, p. 273-294, 2017.

FURLANI, L. M. T. **A claridade da noite: os alunos do ensino superior noturno**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 2001.

GIROTTI, E. D. A classe trabalhadora vai a universidade: análise das implicações político-pedagógicas a partir dos dados do Departamento de Geografia – USP. **Revista da Anpege**, 13(20), 209-235, 2017.

GLANVILLE J.L; WILDHAGEN, T. The Measurement of School Engagement: Assessing Dimensionality and Measurement Invariance Across Race and Ethnicity. **Educational and Psychological Measurement**, 67 (6), pp. 1019-1041. 2007.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. **Métodos em Pesquisa Social**. Livro em Português (Brasil). Biblioteca Universitária - Série 2: Ciências Sociais. Editora: Companhia Editora Nacional, 1969.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5a edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

- HARPER, S.; QUAYE, S. J. (Eds.). **Student engagement in higher education: theoretical perspectives and practical approaches for diverse populations**. New York and London: Routledge, 2009. p. 137–155.
- HU, S.; KUH, G. **Being (Dis)engaged in educationally purposeful activities: the influences of student and institutional characteristics**. *Research in Higher Education*, Georgia, USA, v. 43, n. 5, p. 555–575, 2002.
- KUH, G. **Assessing what really matters to student learning inside the national survey of student engagement**. *Change: The Magazine of Higher Learning*, USA, v. 33, n. 3, p. 10-17, 2001.
- KUH, G. **Student engagement in the first year of college**. *Challenging and supporting the first-year student: a handbook for improving the first year of college*, New Jersey, USA, p. 86-107, 2005, (cap.8).
- KUH, G. What student affairs professionals need to know about student engagement. **Journal of College Student Development**, Maryland, USA, v. 50, n. 6, p. 683–706, 2009.
- KUH, G. D.; SCHUH, J. H.; WHITT, E. J. **Involving Colleges: Successful Approaches to Fostering Student Learning and Development Outside the Classroom**. Jossey-Bass, 1991. pp.480.
- LIMA, J. S. S.; OLIVEIRA, A. M. B.; SOUSA, J. C. Saúde psíquica e prevalência da síndrome de burnout em discentes. **Revista Contemporânea de Educação**, Niterói, v. 15, n. 32, p. 257-76, jan./abr. 2020.
- LIMA, A. F. S. et al. Uma Análise da Relação entre o Ensino Superior Noturno e o Trabalhador-Estudante. **Revista Saúde e Educação**, v. 3, n. 1, p. 124-135, 2018.
- MARQUES, M. M. **Aspectos ergonômicos e psicossociais da dupla jornada de estudantes trabalhadores**. 2018. 52 f. Monografia (Graduação em Engenharia de Produção) – Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, João Monlevade, 2018.
- MELO, H. P. et al. **O estudante trabalhador residente no entorno de Catalão (GO): Comentários sobre as trajetórias, riscos e desafios dos estudantes de Ipameri (GO)**. 2019.
- MOREIRA, J. A. P. In: RIGO, R. M.; MOREIRA, J. A. M.; CORTE VITÓRIA, M. I. (Org.). **Promovendo o engajamento estudantil na educação superior**. Porto Alegre, RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2018. p. 13-14.
- MOREIRA, C. A.; LIMA, F. M.; SILVA, P. N. A difícil tarefa de acadêmicos de curso noturno em conciliar trabalho e estudos. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Mato Grosso do Sul, v.2, n.6 p. 51-56, 2011.
- OLIVEIRA, E.S.G.; CUNHA, V.L. O estágio supervisionado na formação continuada docente à distância: desafios a vencer e Construção de novas subjetividades. **Revista de Educación a Distancia**, Murcia, v. 5 n. 14, 2006.
- PACE, C. R. **Measuring the quality of college student experiences**. Center for the Study of Evaluation University of California Los Angeles: Los Angeles, 1984.
- PACE, C. R. **The Undergraduates: A Report of Their Activities and College Experiences in the 1980s**. Los Angeles: Center for the Study of Evaluation, University of California, 1990.
- PEREIRA, M. S. et al. A Relação entre as condições de trabalho e saúde dos estudantes trabalhadores. **Saúde e Pesquisa**, v. 9, n. 3, p. 525-535, 2016.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência – Teoria e Prática: Diferentes Concepções. In: BRABO, T. S. A. M.; CORDEIRO, A. P.; MILANEZ, S. G. C. (org.). **Formação da Pedagoga e do Pedagogo: pressupostos e perspectivas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 133-152.
- PINTO, F. C. V. et al. **Jornada profissional e acadêmica: o Conflito e o impacto na qualidade de vida no trabalho**. 2020.

- POLK, L. V. **Toward a middle-range theory of resilience**. *Advances in Nursing Science*, v. 19, n. 3, p. 1-13, 1997.
- PORTER, S. Institutional structures and student engagement. **Research in Higher Education, Georgia, USA** v. 47, n. 5, p. 521-558, 2006.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RIGO, R. M.; MOREIRA, J. A. M; CORTE VITÓRIA, M. I. Engajamento acadêmico: retrospectiva histórica (diferentes níveis, distintas consequências e responsabilidades). In: RIGO, R. M.; MOREIRA, J. A. M; CORTE VITÓRIA, M. I. (Org.). **Promovendo o engajamento estudantil na educação superior**. Porto Alegre, RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2018. p. 15-34.
- REIS; A. L.; BANDOS, M. F. C. A responsabilidade social de instituições de ensino superior: uma reflexão sistêmica tendo em vista o desenvolvimento. **Revista Gestão & Conhecimento**, Minas Gerais, Ed. Especial, p. 423-432, 2012.
- SALGADO, R. D. C.; SIQUEIRA, S. S.; SALGADO, T. C. Qualidade de vida do estudante trabalhador: uma amostra dos discentes de cursos superiores do Instituto Federal do Piauí, Campus Floriano. **Revista Somma**, v. 2, n. 2, p. 35-46, 2017.
- SILVA, A. B.; DUTRA, R. S. Jornada dupla: o impacto do trabalho no engajamento acadêmico dos estudantes universitários. **Revista de Educação e Trabalho**, v. 7, n. 12, p. 45-58, 2010.
- TINTO, V. **Leaving College: Rethinking the Causes and Cures of Student Attrition**. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1997.
- TOMBOLATO, M. C. R. **Qualidade de vida e sintomas psicopatológicos do estudante universitário trabalhador**. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2005.
- TROWLER, V. **Student engagement literature review**. York: Higher Education Academy, 2010.
- TYLER, R. W. What High-School Pupils Forget. **Educational Research Bulletin**, v. 9, n. 17, p. 490-92, 1930. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1472025>.
- VALL, J.; PEREIRA, L. F.; FRIESEN; T. T. O perfil do acadêmico de Enfermagem em uma Faculdade Privada da cidade de Curitiba. **Cadernos da Escola de Saúde da UNIBRASIL**. 2009, 2(1): 1-10.
- VARGAS, H. M.; PAULA, M. F. C. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na Educação Superior: desafio público a ser enfrentado. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, 18(2), 459-485, 2013.
- VIEIRA, J. T. A. **Fatores de influência para o engajamento acadêmico: um estudo com estudantes do curso de administração em uma Instituição de ensino superior**. Trabalho de conclusão de curso (Artigo). Patos-PB, 2024.
- WANG, M.T; ECCLES, J. S. School context, achievement motivation, and academic engagement: A longitudinal study of school engagement using a multi-dimensional perspective. **Journal of Learning and Instruction**, v. 28, p. 12-23, 2013.